

## OS ESQUECIDOS

Ernani Silva Bruno

Mais de um observador da vida intelectual brasileira tem revelado seu espanto ao constatar que, freqüentemente, depois de 40 ou mesmo de 30 anos do aparecimento de uma notável obra literária — por seu nível estético e até por marcar nova etapa na evolução de nossa literatura — essa obra vai sendo subestimada ou atirada ao esquecimento.

Que haja autores e livros que, ao longo do tempo, fiquem marginalizados, parece normal. Cada época — ou os críticos e historiadores de cada época — reavalia as obras de tempos anteriores, que passam às vezes a ter um relevo menor que aquele que lhes atribuíam os contemporâneos.

A glória literária é bastante imprevisível do ponto de vista de sua permanência no tempo. Entre nós, todavia, em função de certas circunstâncias ligadas talvez a uma espécie de imaturidade cultural, fica-se com a impressão de que certas produções literárias são rapidamente esquecidas, não porque se tenha feito delas uma rigorosa reavaliação que as diminua, mas, simplesmente, por efeito de certo desinteresse generalizado para com o fenômeno literário ou como resultado apenas da inércia ou da ocorrência de modismos. E a situação é ainda agravada pelas deficiências e obstáculos cronicamente enfrontados pela indústria do livro.

Quantos jovens de hoje — interessados em livros de ficção — conhecem os livros de Mario Sette — espécie de Júlio Diniz dos canais de Pernambuco — do baiano Xavier Marques, cuja novela **A Cidade Encantada** reveste-se de um estranho clima que prenuncia Guimarães Rosa, do cearense Antônio Sales, do mineiro Godofredo Rangel, do carioca João Rio, do paulista Leo Vaz, do gaúcho Alcides Maya ?

Não haveria, portanto, entre nós, todo um patrimônio literário a recuperar, através de reedições à semelhança — até certo ponto — daquilo que fazem os órgãos preservacionistas, identificando, restaurando e protegendo, na medida do possível, paisagens, sítios urbanos, edificações isoladas ou peças artísticas, por constituírem bens culturais da civilização brasileira ?

Para tornar o assunto mais claro e dar a medida de sua extensão, exemplifiquemos com um único gênero literário — o romance — e apenas com um período de nossa história — o século XIX. Digamos que houve no Brasil uma fase, a bem dizer, pré-histórica, em que esse gênero apenas se

esboçou, através de toscas iniciativas, que não atingiram um nível razoável de realização. E em que se situam aquelas obras dos pioneiros que publicaram seus livros aproximadamente entre os anos de 1838 a 1848: Pereira da Silva, o Joaquim Norberto de **As Duas Órfãs**, o Azambuja Suzano de **O Capitão Silvestre e Frei Veloso**, o Teixeira e Sousa das **Tardes de um Pintor**, aos quais se poderia juntar o quase mitológico escritor gaúcho que foi Caldre e Fião, autor de **A Divina Pastora**.

Entretanto, ainda durante os anos 40 do século passado, começaram a aparecer, como não se ignora, aquelas obras que se impuseram ao gosto de um público maior e à aceitação de críticos e historiadores da literatura. A começar por **A Moreninha**, de Joaquim Manuel de Macedo. E em seguida, aqueles romances consagrados pela história, por assim dizer, oficial da literatura brasileira: Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães, Távora, Taunay, Machado de Assis, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro, Aluísio, Raul Pompéia, Adolfo Caminha, Júlia Lopes de Almeida, Xavier Marques, Coelho Neto — a que se acrescentaria, depois da descoberta do seu **Dona Guidinha do Poço** — o escritor cearense Manoel de Oliveira Paiva.

E os livros esquecidos ou marginalizados que se publicaram também de meados a fins do século passado? Venho há alguns anos fazendo um levantamento do romance brasileiro, através da consulta de dicionários de literatura, de histórias literárias regionais, de catálogos de velhas editoras e dos registros bibliográficos de antigas revistas. Esse levantamento, forçosamente incompleto, me permitiu registrar, além daqueles 15 ou 16 romancistas consagrados há pouco citados, mais cerca de 80 autores e cerca de 160 romances ou novelas.

Entre esses autores, homens que se notabilizaram por motivos estranhos à literatura, como Afonso Celso, o político e ensaísta Couto de Magalhães, o jornalista Alcindo Guanabara, o pintor Pedro Américo, o líder abolicionista José do Patrocínio. Outros, que se destacaram, não como autores dos romances que escreveram, mas em outros gêneros literários, como Celso Magalhães, Valentim Magalhães, Pardal Mallet, Lúcio e Salvador de Mendonça, o poeta Luís Guimarães Júnior, o crítico literário Araripe Júnior, os historiadores Rocha Pombo e Rodolfo Teófilo, o memorialista Rodrigo Otávio e o etnógrafo Barbosa Rodrigues.

Admitamos que não haja, entre os romances desses autores, nenhum que atinja o nível estético de **Inocência**, de **Dom Casmurro**, de **O Cortiço**, de **O Ateneu**. Deve-se, no entanto, pensar que aquilo que ocorreu com o romance **Dona Guidinha do Poço** — ignorado muitas décadas — poderia ocorrer com outros livros do século passado, muito deles talvez divulgados em edições restritas e que escaparam aos críticos da época ou não os sensibilizaram por imponderáveis motivos. **Dona Guidinha do Poço**,

de Manuel de Oliveira Paiva, escrito em torno de 1890 e só publicado, na íntegra, em 1952, é um caso significativo. Na época em que foi elaborado, começara a ser publicado, em capítulos, na “Revista Brasileira”, que, em seguida, desapareceu. E só seis décadas depois — descoberto pela escritora Lúcia Miguel Pereira, que o considerou, por várias razões, um livro notável — pôde ser editado e, de certa forma, incorporado à melhor ficção brasileira.

De outros romances do século passado, os críticos de hoje não poderiam ter impressão diversa daquela que tiveram os críticos da época? É o que sugere — para citar um outro exemplo — o que ocorreu com as **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida. O próprio autor, ao iniciar em 1852 sua publicação, em folhetins no “Correio Mercantil”, do Rio de Janeiro, não lhe atribuía maior significação que a de entreter os leitores do suplemento dominical do jornal. No fim do século passado, Sílvio Romero ainda considerava Manuel Antônio de Almeida autor de segunda plana, que apesar de certas qualidades — dizia o crítico — “escrevia no mais descurado dos estilos”. O livro só começou a ser avaliado em termos favoráveis e até entusiásticos a partir de 1931 (quando se comemorava o centenário do autor) sobretudo através de estudos que sobre ele escreveu Xavier Marques, e, no começo da década seguinte, quando Mário de Andrade prefaciou uma das reedições das **Memórias** e Marques Rebelo traçou biografia do autor.

Mas no caso dos velhos romances esquecidos — ainda que não haja obras-primas entre eles — sua divulgação e seu estudo importam aos ensaios histórico-literários, pois é postulado obviamente aceito pelos investigadores da história das literaturas que seu conhecimento mais seguro não pode deixar de incluir a análise das obras secundárias dos grandes escritores e até a produção literária dos autores (supostamente) de segunda plana.

De outra parte, a recuperação desses romances do século passado — ou de parte deles — corresponderia ao enriquecimento das fontes com que poderiam contar os pesquisadores da história da civilização brasileira. Em livro publicado em 1973, **Introdução ao Estudo da História do Brasil**, Américo Jacobina Lacombe destacava a importância para as pesquisas historiográficas, dos livros dos memorialistas brasileiros, arrolando cerca de 280 volumes do gênero, utilizáveis para pesquisas históricas. O mesmo se poderia dizer da ficção. Cumpre lembrar que essas dezenas e dezenas de romances publicados no século passado e que desapareceram de circulação revelam, bem ou mal, ambientes e costumes nacionais ou regionais da época, a linguagem dos homens de letras, as preocupações e os problemas da cultura brasileira tal como se colocavam há 100 ou 150 anos. E, dessa forma, muitos deles teriam — ao lado dos livros dos memorialistas — o valor de fontes preciosas para a historiografia brasileira, hoje preocupada não apenas com o fio dos acontecimentos polí-

tico-administrativos, mas com a análise das situações e mudanças que foram ocorrendo nas atividades econômicas, nos sistemas de transporte, na habilitação, na alimentação, na organização e nas relações de trabalho, nos costumes familiares, no vestuário e no lazer.

Os simples títulos de alguns desses romances sugerem — à margem de sua possível validade especificamente literária — a riqueza de informações com que podem fertilizar o conhecimento de regiões e de épocas da vida brasileira: **Um Motim na Aldeia**, de Araripe Júnior, **A filha do Estancieiro**, de Argemiro Galvão, **Cenas da Escravidão**, de Júlio César Leal, **Os Retirantes**, de José do Patrocínio, **Crioulo do Pastoreiro**, de Apolinário Porto Alegre, **Serões de um Tropeiro**, de José Bernardino dos Santos, **O Campeiro Riograndense**, de João Mendes da Silva, **A filha do Salineiro**, de Constantino Gomes de Sousa, **O Paroara**, de Rodolfo Teófilo.

### Os Esquecidos

Este levantamento, tão completo quanto possível, dos romances publicados no Brasil no século passado, com os respectivos autores, exclui os que, de modo geral, estão consagrados pela história literária nacional: Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro, Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia, Adolfo Caminha, Júlia Lopes de Almeida, Xavier Marques, Coelho Neto e Manuel de Oliveira Paiva.

Adolfo Bezerra de Menezes: **A casa Mal Assombrada** (1888) e **Lázaro, o Leproso** (1892); Afonso Celso: **Lupe** (1894), **Um Invejado** (1895), **Giovanina** (1896) e **Aventuras de João Manuel** (1899); Alcindo Guanabara: **Amor** (1886); Alves de Faria: **Pecadora** (1899); Antônio Joaquim de Macedo Soares: **Nininha** (1859); Antônio Joaquim da Rosa: **A Feiticeira** (1849), **A Assassina** (1854) e **A Cruz de Cedro** (1854); Antônio Manoel Fernandes: **Paulo e Flora** (1861) e **Pontal da Cruz** (1882); Antônio Manoel dos Reis: **Alfredo** (?); Antônio D'Oliveira: **Marco Montenegro** (1898) e **Sinhá** (1898); Apolinário Porto Alegre: **Os Palmares** (1869), **O Vaqueano** (1872), **Feitiço de uns Beijus** (1873), **Latucha** (1874) e **Crioulo do Pastoreiro** (1875); Araripe Júnior: **A Casinha de Sapé** (1872), **O Ninho do Beija-Flor** (1874), **Jacina, a Marabá** (1875), **Um Motim na Aldeias** (1877), **Luizinha** (1878), **O Retirante** (1878), **O Reino Encantado** (1878) e **Xico Melindroso** (1882); Argemiro Galvão: **A Filha do Estancieiro** (1876); Artur Goulart Penteadó: **Lola** (1898); Artur Lobo: **Rosais** (1899); Ataliba Gomensoro: **Os Cavaleiros da Disgra** (?); Augusto de Azevedo Marques: **Vampiros Pastoris** (?); Avelino Foscolo: **A Mulher** (1890); Azambuja Suzano: **Um Roubo na Pavuna** (1843), **O Capitão Silvestre e Frei Veloso** (1847) e **A Baixa do Matias** (1859).

Barbosa Rodrigues: **Geraldina** ( 1859/1860 ); Barros Júnior: **Emília** ( 1861 ); **Lucila** ( ? ) e **Olga** ( ? ); Brício Cardoso: **Os Herpes Sociais** ( 1867 ); Bruno Seabra: **Paulo** ( 1861 ), **Doutor Pancrácio** ( 1861 ) e **Mé-mórias de um Pobre Diabo** ( 1869 ).

Caldre e Fião: **A Divina Pastora** ( 1847 ) e **O Corsário** ( 1851 ); Carlos Eugênio Fontana: **O Homem Maldito** ( 1858 ) e **Cenas da Vida** ( ? ); Carlos Jansen: **Patuá** ( 1879 ); Carneiro Viana: **Iná** ( 1879 ) e **Noêmia** ( 1894 ); Celestino Gomes de Sousa: **O Desengano** ( 1871 ), **A filha Sem Mãe** ( 1873 ), **O Cego** ( 1877 ) e **A Filha do Salineiro** ( ? ); Celso Magalhães: **Ela Por Ela** ( 1870 ) e **Um Estudo de Temperamento** ( 1881 ); Couto de Magalhães: **Os Guaianás** ( ? ) Colimério de Faria Pinto: **Alberta** ( 1873 ) e **Queda de Um Anjo** ( ? ).

Damasceno Vieira: **Uma História de Amor** ( 1876 ); Domingos Jaguaribe Filho: **Os Herdeiros do Caramuru** ( 1880 ); Domingos de Magalhães: **Amância** ( ? ); Dunshee de Abranches: **Papá Basílio** ( 1898 ).

Emílio Adet: **Amélia** ( 1844 ); Ernesto Jaó: **O Caçador de Avestruzes** ( 1880 ).

Faria Neves Sobrinho: **Morbus** ( 1898 ); Felício dos Santos: **Acaica** ( 1866 ); Felix Ferreira: **A Má Estrela** ( ? ); Francisco Antônio da Luz: **Alberto** ( 1859 ) e **Sacrifício** ( 1861 ); Furtado Coelho: **Um Favo de Gozo** ( ? ).

Gonzaga Duque: **Mocidade Morta** ( 1899 ).

Horácio de Carvalho: **Cromo** ( 1888 ); Hugo Leal: **Rosa Branca** ( 1874 ), **O Seminarista** ( 1874 ), **Laurita** ( 1876 ), **A Enjeitada** ( 1876 ) e **Plébéia e Pobre** ( 1876 ).

Jaime Balão: **Martir** ( 1894 ); J. M. Velho da Silva: **Gabriela** ( 1875 ); João Júlio dos Santos: **Genesco** ( 1897 ); João Mendes da Silva: **O Campeiro Riograndense** ( 1889 ), **O Sertanejo Riograndense** ( ? ) e **A Índia Riograndense** ( ? ); Joaquim Maurício Cardoso: **Os Nobres da Casa Vermelha** ( 1894 ); Joaquim Norberto: **As Duas Órfãs** ( 1841 ) e **Maria ou Vinte Anos Depois** ( ? ); Joaquim de Paula Sousa: **Campos Novos** ( 1878 ) e **Palmares** ( 1885 ); José Bernardino dos Santos: **A Doida** ( 1870 ) e **Serões de Um Tropeiro** ( ? ); José Otaviano Miller: **Professos** ( 1898 ); José do Patrocínio Filho: **Mota Coqueiro ou A Pena Morte** ( 1877 ), **Os Retirantes** ( 1879 ) e **Pedro Espanhol** ( 1884 ). José da Rocha Leão: **Os Amores da Brasileira** ( 1877 ). Jovita Duarte Silva: **Eulália** ( 1862 ). Júlio César Leal: **Cenas da Escravidão** ( 1869 ), **Amor com Amor se Paga** ( 1876 ), **Casamento e Mortalha** ( 1884 ) e **A Casa de Deus** ( 1895 ).

Leal Júnior: **Calabar** ( 1863 ); Leonel de Alencar: **A Sonâmbula de Ipojuca** ( 1861 ). Lobo da Costa: **Espinhos d'Alma** ( 1872 ); Lúcio de Mendonça: **O Marido da Adúltera** ( 1882 ); Luís de Guimarães

Júnior: **Lírio Branco** ( 1862 ); Luís Ramos Figueira: **Dalmo ou Os Mistérios do Norte** ( 1863 ) e **Amores de Um Voluntário** ( 1868 ).

Maria Benedita Bormann: **Aurélia** ( 1883 ), **Uma Vítima** ( 1884 ), **Lésbia** ( 1890 ), **Celeste** ( 1893 ) e **Angelina** ( 1894 ); Moreira de Azevedo: **Os Franceses no Rio de Janeiro** ( 1870 ).

Nabuco de Araujo: **Zahra** ( 1872 ) e **Mini** ( 1873 ).

Oliveira Belo: **Os Farrapos** ( 1877 ).

Papi Júnior: **O Simas** ( 1898 ); Pardal Mallet: **O Hóspede** ( 1887 ) e **O Lar** ( 1888 ); Paulo Marques: **Alaísa** ( 1880 ), **Verdadeiros Mistérios do Rio de Janeiro** ( 1880 ) e **Venus ou o Dinheiro** ( 1881 ); Pedro Américo de Figueiredo e Melo: **O Holocausto** ( 1882 ) e **O Foragido** ( 1900 ); Pedro Osório: **O Poder da Carne** ( 1890 ); Pereira da Silva: **Uma Paixão de Artista** ( 1838 ), **Religião de Amor e Pátria** ( 1838 ), **Jerônimo Corte-Real** ( 1840 ) e **Manuel de Moraes** ( 1866 ); Pinheiro de Guimarães: **O Comendador** ( 1856 ).

Rita Feliciano de Oliveira: **Marta** ( 1899 ); Rocha Pombo: **A Honra do Barão** ( 1881 ), **Dadá ou A Boa Filha** ( 1882 ) e **Petrucello** ( 1892 ); Rodolfo Teófilo: **A Fome** ( 1890 ), **Os Brilhantes** ( 1895 ), **Maria Rita** ( 1897 ) e **O Paroara** ( 1899 ); Rodrigo Otávio: **Aristo** ( 1889 ) e **Bodas de Sangue** ( 1895 ); Rezende Moniz Barreto: **Favos e Travos** ( 1874 ).

Sabbas da Costa: **O Amor Fatal** ( 1862 ), **A Revolta** ( 1874 ) e **Rosinha** ( ? ); Salomé Queiroga: **Maricota e o Padre Chico** ( 1871 ); Salvador de Mendonça: **Marabá** ( 1875 ).

Taveira Júnior: **Célio** ( 1877 ), **Cenas Trágicas** ( 1877 ), **Joaquim** ( 1878 ) e **O Engeitado** ( 1878 ); Teixeira e Sousa: **O Filho do Pescador** ( 1843 ), **Tardes de um Pintor** ( 1847 ), **Gonzaga** ( 1848 ), **Maria** ( 1852 ), **A Providência** ( 1854 ) e **As Fatalidades de Dois Jovens** ( 1856 ); Teotônio Freire: **Passionário** ( 1897 ).

Valentim Magalhães: **Flor de Sangue** ( 1897 ). Visconti Coaracy: **Jovita ou A Voluntária da Morte** ( 1867 ) e **O Amor que Mata** ( 1873 ); Vítor Valpério: **Mãe de Ouro** ( 1874 ); Vitoriano Palhares: **As Noites da Virgem** ( 1866 ).